

Da Utilidade Das Palavras Cruzadas

Conversa de mulher que diz que vem mas não vem e talvez ainda venha deixar um homem completamente no ora veja olhando a cara preta do telefone, sem cabeça para trabalhar nem coragem de sair... — liguei o rádio, coisa que raramente faço. Numa estação estava meu preclaro amigo Zarur querendo me salvar a alma, mas esta não era minha disposição; movi o «dial», tocava um desses sambinhas bossa nova em miados piegas, não agüento mais esse enjoamento; pois na outra estação tinha outro; desliguei. Abri a carta de uma leitora, ela me perguntava se resolver palavras cruzadas era bom para enriquecer o vocabulário; não sei; também não sei se vale a pena enriquecer o vocabulário, talvez seja melhor a gente reduzi-lo, usar somente poucas palavras e usá-las muito pouco; mas a carta me deu uma inspiração doentia: matar o tempo com palavras cruzadas.

Fui à esquina, comprei os vespertinos, comprei também três revistinhas especializadas em palavras cruzadas. Quando eu ia chegando de volta o telefone estava tocando, quando consegui abrir a porta e corri para atender ele parou de tocar; bolas! Peguei um dicionário, entreguei-me de corpo e alma às palavras cruzadas.

Enfrentei cerca de cinqüenta problemas; isso não é vantagem, porque as tais revistinhas trazem no fim, para ajudar a gente, uma lista das palavras difíceis. Estimada leitora: decifrar palavras cruzadas ajuda muito a enriquecer o vocabulário... de decifrador de palavras cruzadas.

Explico-me: as pessoas que fazem palavras cruzadas têm um vocabulário especial, e não apenas um vocabulário como uma História, uma Geografia e todo um tipo de cultura. Para elas, as palavras não têm o sentido comum que nós, os leigos, entendemos, mas um sentido especial, cavado no dicionário, de preferência em um dicionário especializado em palavras cruzadas. A princípio a gente acha difícil — antigo navio de combate é «ram»; arrieira é «má»; filho de Jocê é «Gad»; rio da Sibéria é «Om»; da Polônia é «Ros»; da Holanda é «Au»; afluente do Reno é «Acr»; 10ª letra do alfabeto árabe é «ra»; medida de Ansterdão para líquidos é «aam»; medida sueca é só «am» — e — coisa espantosa! — luz que emana da ponta dos dedos é «od». Dificílimo, como se vê.

Mas não tanto: porque os rios são sempre aqueles mesmos, o cabo do Canadá é sempre «Or», a cidade da Caldéia é sempre «Ur», a antiga cidade da ilha de Creta é sempre «Aso», por mais cretinizante que isso possa parecer. Em matéria de tecidos, tudo o que você precisa saber é que um tecido fino com escumilha chama-se «ló»; provavelmente você sabe que pedra de moinho é «mó», mas essa palavra só aparece nos problemas mais fáceis, nos outros o que se usa é cano de moinho, «c.u». No terreno da coreografia, não quebre a cabeça: espécie de dança é sempre «ril»; e porco é sempre «to», uma das ilhas Luccias é exatamente, infalivelmente «Cat». Imagino que haja outras Luccias, mas só aquela é usada, assim como do calendário hebreu só usamos o derradeiro mês, «Adar», e de todo o material de guerra antigo dos turcos só enfrentamos uma flexa denominada «oc»; o único abrigo para o gado é «ramada»; gato selvagem é «marisco»; nadar é «remar» e fôlha de palma é «ola».

Enfim, adquiri preciosos conhecimentos e pensei mesmo em escrever um conto começando assim: «Na Ilha Cat, vestida de ló, ela dançava ril, e das pontas de seus dedos emanava o od, quando chegou um ram vindo de Or com turcos afirmando ocs...»

Mas, felizmente, o telefone bateu.

ELE
ELA
no 130
RN 143

M 437